



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

### INTRODUÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A Quaresma é o Tempo favorável para a conversão. Contudo, embora a conversão seja um movimento inicialmente pessoal e interior, ela não pode ser apenas uma atitude individualista. Nossa conversão quaresmal deve desenvolver-se como realização da vontade de Deus de modo pessoal, comunitário-ecclesial e também social. Com Deus, sonhamos um mundo justo e fraterno, em que todos tenham vida “e a tenham em abundância” (Jo 10,10)

É por isso que a CNBB propõe à Igreja e a todos os homens e mulheres de boa vontade, pela 60ª vez, a Campanha da Fraternidade, que tem como objetivos: despertar o espírito comunitário e cristão na busca do bem comum; educar para a vida em fraternidade; renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação evangelizadora, em vista de uma sociedade justa e solidária.

A Campanha da Fraternidade, aproveitando a Quaresma como tempo favorável para a conversão, aborda os exercícios quaresmais na perspectiva da conversão pessoal e coletiva, pois a fé tem também uma dimensão social. Assim, questiona cada pessoa de boa vontade, grupos eclesiais e instituições civis acerca de seu envolvimento com as transformações espirituais, sociais, político-econômicas e ecológicas, de verificar a coerência com o projeto do Reino de Deus mediante a escuta mais atenta e comprometida do Evangelho.

Certa de que não podemos ceder à cultura da indiferença e de que não há vida em plenitude onde falta o alimento básico para a vida digna, a CNBB propõe para este ano o tema: “Fraternidade e Fome”, com o lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16)

**OBJETIVO GERAL:** *sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo.*

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) *compreender a realidade da fome à luz da fé em Jesus Cristo;*
- b) *desvelar as causas estruturais da fome no Brasil;*
- c) *indicar as contradições de uma economia que mata pela fome;*
- d) *aprofundar o conhecimento e a compreensão das exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome;*
- e) *acolher o imperativo da Palavra de Deus, que nos conduz ao compromisso e à corresponsabilidade fraterna;*
- f) *investir esforços concretos em iniciativas individuais, comunitárias e sociais que levem à superação da miséria e da fome no Brasil;*
- g) *estimular iniciativas de agricultura familiar agroecológica e a produção de alimentos saudáveis;*
- h) *reconhecer e fomentar iniciativas conjuntas entre comunidade de fé e outras instituições da sociedade civil organizada;*
- i) *mobilizar a sociedade para que haja uma sólida política de alimentação no Brasil, garantindo que todos tenham vida.*

### INTRODUÇÃO AO TEMA DA CF 2023

A fome é um instinto natural e poderoso de sobrevivência presente em todos os seres vivos, é um presente do Criador para a preservação da vida. “É um fenômeno biológico que aciona uma sensação passageira de desconforto, um sinal breve do corpo, que indica a hora de comer”. Em nossos dias, para muitas populações pobres, a questão alimentar assume aspectos dramáticos, devido a imensas catástrofes



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

naturais, e, sobretudo, devido a violências e desigualdades implementadas por prepotentes. Na sociedade humana, a fome é uma tragédia, um escândalo, é a negação da própria existência.

Papa Francisco afirmou que: “Para a humanidade, a fome não é só uma tragédia, mas também uma vergonha. É provocada por uma distribuição desigual dos frutos da terra, a falta de investimentos no setor agrícola, mudanças climáticas e o aumento dos conflitos. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos.”

A fome é repudiada por afrontar direta e imediatamente todos os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja (DSI), destacando-se aquele da destinação universal dos bens. Os bens criados por Deus têm uma destinação universal, e não privada. A fome é um contratestemunho que não reconhece a dignidade integral das pessoas, não considera a primazia do bem comum, além de gerar toda uma conjuntura que faz com que a pessoa em situação de fome esteja em menores condições de participação, como se fosse indigente, invisível, e reduzir a solidariedade ao assistencialismo que, embora ajude, não transforma as estruturas do pecado.

Até o século XIX as misérias que dizimavam populações tinham, uma origem natural. Hoje são mais circunscritas, porém, na maioria das vezes, derivam da ação humana.

O objetivo “Fome Zero” no mundo ainda é um grande desafio, mesmo que se deva reconhecer que nos últimos decênios assistimos a um grande progresso. Para combater a falta de alimentos e de acesso à água potável, é necessário agir sobre as causas que a provocam. Na origem deste drama estão, sobretudo, a falta de compaixão, o desinteresse de muitos e uma escassa vontade social e política de responder às obrigações internacionais.

É doloroso constatar que a luta contra a fome é obstada pela “prioridade de mercado”, e pela “primazia do lucro”, que reduziram os alimentos a uma mercadoria qualquer, sujeita a especulações, até financeiras. O faminto pede-nos dignidade, não esmola.

O ser humano, contudo, não tem só fome de comida, isto é, necessidade de alimento saudável e nutritivo; ele tem fome de justiça, fome de cidadania, tem fome de beleza, tem fome de sentido, é racional, “tem sede de Deus”.

Pela terceira vez a fome é tratada pela Igreja na Campanha da Fraternidade: em 1975 teve como tema “Fraternidade é repartir” e o lema “Repartir o pão”, no clima do Ano Eucarístico que precedeu o Congresso Eucarístico Nacional de Manaus; em 1985, outro Ano Eucarístico, em preparação para o Congresso Eucarístico de Aparecida, com o lema “Pão para quem tem fome”; e em 2023, depois do 18º Congresso Eucarístico Nacional (Recife, 2022) com o tema “Pão em todas as mesas”, a Igreja no Brasil enfrenta o flagelo da fome, com um lema que é uma ordem de Jesus aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16).

Em 2002, a CNBB publicou o documento *Alimento, dom de Deus, direito de todos*, lançando um mutirão nacional de superação da miséria e da fome.

É preciso outra vez confrontarmo-nos com o Evangelho de Jesus Cristo frente a este grande desafio que permanece gritante em nossa sociedade, a fome.

## I – NA FONTE DA PALAVRA

No coração de Jesus, jamais habitou a indiferença. O Papa Francisco nos ensina: “Jesus era assim: tinha sempre compaixão, pensava sempre nos outros. (...) Jesus se comove. Jesus não é insensível, não tem coração enrijecido. Ao cair da noite, Jesus se preocupa em dar de comer a todas aquelas pessoas, cansadas



## CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: ***“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)***

### Resumo do Texto-Base

e famintas, e cuida de quantos o seguem. Ele quer que os seus discípulos se tornem partícipes disso. E por isto, diz-lhes: *‘Dai-lhes vós mesmos de comer’* (Mt 14,16). O Senhor vai ao encontro das necessidades dos homens, mas deseja tornar cada um de nós concretamente participantes da sua compaixão”.

Mt 14,13-21 é o primeiro relato no Evangelho de Mateus do episódio conhecido como multiplicação dos pães. Localiza-se na metade do Evangelho, o que indica que o ministério de Jesus já estava adiantado, a sua mensagem se popularizava cada vez mais e as multidões o seguiam. Tornava-se cada vez mais necessário que Jesus deixasse clara a natureza do seu messianismo, que não correspondia aos anseios nacionalistas e triunfalistas da época.

O contexto é a notícia sobre a morte de João Batista, por ordem de Herodes. A morte de João mexeu com Jesus, daí a necessidade de retirar-se; seu estado interior pedia um momento de recolhimento. O povo, por outro lado, tinha medo de ser deixado sozinho.

“Jesus foi a um lugar deserto.” O deserto é o lugar e o tempo da partilha, de contar com a solidariedade dos outros, onde não há egoísmo, injustiça, todos dão as mãos para superar as dificuldades da caminhada. O lugar deserto e afastado seria ideal para o recolhimento desejado por Jesus. Porém, não conseguiu ficar sozinho, porque as multidões saíram das cidades e o seguiram a pé. Abandonadas e exploradas pelas lideranças religiosas e políticas, as multidões recebiam atenção e cuidado de Jesus. O seu olhar era diferente, marcado pela compaixão. As multidões até se anteciparam, chegando primeiro ao lugar deserto. Jesus não foge e nem as expulsa, mas se enche de compaixão.

Compaixão significa um comover-se no mais profundo do ser, o que resulta em ação concreta de libertação. Não é mero sentimento, mas gera uma ação libertadora. Ele “curou os que estavam enfermos”, isto é, todas as pessoas destinatárias privilegiadas da misericórdia de Deus: doentes, aflitas, pobres, abandonadas, exploradas. Como o Evangelho de Jesus é um programa que contempla a vida em todas as suas dimensões, essas classes de pessoas são as primeiras contempladas.

O que os discípulos sentiram, no entanto, foi diferente de Jesus. Pela referência ao entardecer, supõe-se muita coisa já realizada. A tendência dos discípulos é lavar as mãos diante das necessidades dos outros. Aconselham Jesus a mandar as multidões embora. Apesar do tempo de convivência e aprendizado, os discípulos ainda não tinham assimilado a lógica da partilha e da solidariedade. Diante disso, a resposta de Jesus é uma repreensão: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!”* (v. 16). Compromete os discípulos. A comunidade cristã não pode assistir indiferente à fome no mundo. A mensagem de Jesus é um programa de vida que contempla, também, a dimensão material. Portanto, saúde e alimentação devem ser prioridades na comunidade cristã.

Envergonhados com a advertência de Jesus, os discípulos responderam: *“Só temos aqui cinco pães e dois peixes”* (v. 17). Foram realistas. Tinham pouca coisa, provavelmente o suficiente para eles. O número 7 significa totalidade. Jesus porém, não se importa com a quantidade; pede aos discípulos que ofertem a Ele tudo o que têm. O pouco que cada um possui deve ser colocado a serviço de todos e, assim, o que é pouco se torna muito.

Os discípulos recebem a responsabilidade de curar a fome, o que se faz pela partilha, mas tudo deve passar por Jesus: mandou que as multidões se sentassem na relva, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção, partiu os pães e deu aos discípulos. Jesus toma a iniciativa, e age como verdadeiro pastor. Trata-se dos mesmos sinais que Jesus fez durante a última Ceia e são também os mesmos gestos que cada sacerdote cumpre quando celebra a Sagrada Eucaristia. Por isso, viver a comunhão com Cristo é totalmente oposto ao permanecer passivo e alheio à vida de todos os dias. A Eucaristia que celebramos também nos transforma gradualmente em corpo de Cristo e alimento espiritual para os irmãos. Os gestos de Jesus vão muito além de um rito: são passos que a comunidade cristã não pode parar de dar.

Como resultado de todo esse processo de partilha: *“Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobraram recolheram doze cestos cheios”* (v. 20). Houve um processo: Jesus conferiu



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

responsabilidade aos discípulos, provocou neles a disposição de colocar em comum tudo o que tinham, fazendo de tudo uma ação de graças a Deus até a partilha que deixou todos satisfeitos. A abundância é gerada quando ninguém considera somente seu o que possui, mas oferece, como dom, às necessidades do próximo. A quantidade recolhida, 12 cestos, significa que quando a partilha é praticada, tem alimento para todos.

A referência ao número dos que alimentaram - mais ou menos cinco mil homens (v. 21) - revela que entre o número inicial de dons disponíveis para a partilha e a multidão alimentada há uma enorme diferença. Os resultados são sempre surpreendentes quando se põe em prática o que Jesus ensinou.

Este trecho do Evangelho mostra que a comunidade tem prioridades irrenunciáveis, como encontrar solução para o problema da fome, por exemplo. Ela mesma que tem que criar tais condições, encontrando dentro de si a solução para os seus problemas.

Depois desta experiência, nunca mais um discípulo de Jesus poderá dizer que não tem nada a ver com a fome, com a miséria, com as necessidades dos mais desfavorecidos. Nenhum cristão pode dizer que não tem culpa pelo fato de 80% da humanidade ser obrigada a viver com apenas 20% dos recursos disponíveis; não pode lavar as mãos quando se gastam em armas e extravagâncias recursos que deveriam estar a serviço da saúde, da educação, da habitação, da construção de redes de saneamento básico; não pode dormir tranquilo quando tantos homens e mulheres, depois de uma vida de trabalho, recebem aposentadorias miseráveis. Nós temos responsabilidades na forma como o mundo se constrói.

## II – VER A REALIDADE DA FOME

*“Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam enfermos.” (Mt 14,14)*

A fome é uma realidade no Brasil, é o flagelo de uma multidão de brasileiros. Mas, no Brasil, não falta alimento. Falta-nos convertermo-nos ao Evangelho, olhar com sinceridade as necessidades do outro, aprender a repartir para que ninguém fique com fome, edificar aqui e agora o Reino de Deus que se realizará em plenitude na eternidade.

Viver com fome, a ponto de perder a própria dignidade, arrastar-se pela rua, revirar o lixo e morrer de fome não é algo natural ou desejado por Deus. No Brasil, a fome não é um problema ocasional, é um fenômeno social e coletivo, estrutural, produzido e reproduzido no curso ordinário da sociedade. A fome não foi criada pela pandemia de COVID-19, mas foi radicalizada por ela. A fome no Brasil é um escândalo! Há 125,2 milhões de brasileiros que nunca sabem quando terão a próxima refeição.

A Quaresma é um Tempo muito propício para que cada um de nós reconheça que o Evangelho tem profunda incidência social, que é dever e também direito da Igreja lidar com essas questões, que ela é sempre mais fiel ao Senhor deixando-se interpelar e colocando-se a trabalhar, no âmbito que lhe é próprio, pela salvação integral de todo ser criado e para sempre amado por Deus. Nisso se inclui o compromisso pela justiça social, como afirma o Compêndio da Doutrina Social da Igreja: “o amor tem diante de si um vasto campo de trabalho, e a Igreja, nesse campo, quer estar presente também com a sua doutrina social, que diz respeito ao homem todo e se volta a todos os homens” (CDSI, n. 5)



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

### O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)

Direitos humanos são aqueles que os seres humanos possuem, única e exclusivamente, por terem nascido e serem parte da espécie humana. Decorrem da dignidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus. São direitos inalienáveis, ou seja, que não podem ser tirados nem cedidos. Devem assegurar às pessoas condições básicas que lhes permitam levar uma vida digna, isto é, com acesso à liberdade, à igualdade, ao trabalho, à terra, à saúde, à moradia, à educação, à água e alimentos de qualidade, entre outros requisitos essenciais.

A compreensão dos direitos humanos é influenciada pelos costumes e valores de determinado tempo histórico e, portanto, pode mudar de acordo com as regras e necessidades dos povos em determinado momento. Este fato não impede de entender que os direitos humanos existem para proteger o ser humano da tirania e da injustiça e garantir a dignidade e a igualdade de direitos entre homens e mulheres, para promover o progresso da sociedade, o bem comum e a paz, em um estado de ampla liberdade.

Os direitos humanos foram assumidos pela Doutrina Social da Igreja na Carta Encíclica *Pacem in Terris* (1963), de São João XXIII, e reverberaram fortemente na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II: “Portanto, é preciso que se tornem acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana.” (GS, n. 26).

Em 2002, o relator especial da ONU para o direito à alimentação assim definiu o Direito Humano à Alimentação Adequada: “O direito à alimentação adequada é um direito humano inerente a todas as pessoas de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garantam uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva”.

Se assimilarmos bem o que o ser humano é, poderemos então reivindicar e propor os seus direitos. Os direitos humanos são a solicitação que seja realizado, na dimensão histórico-temporal, aquilo que o ser humano é em sua realidade ontológica.

O Direito Humano à Alimentação Adequada é indispensável para a sobrevivência e pré-requisito para a realização de outros direitos humanos. No Brasil, este direito está assegurado entre os direitos sociais da Constituição Federal, desde a aprovação da Emenda Constitucional n. 64, em 4 de fevereiro de 2010.

A alimentação saudável não pode ser considerada apenas uma questão de solidariedade. Ela é um direito e, como tal, deve ser garantida pelo Estado a todos os seus cidadãos.

### Níveis de Insegurança Alimentar

**Leve:** Há incerteza quanto ao acesso alimentar. Queda da qualidade da comida é usada como estratégia para evitar declínio em quantidade

**Moderada:** Há redução quantitativa no consumo entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação.

**Grave:** Há redução quantitativa também entre crianças. É nesta etapa que a família é identificada em situação de fome.

### Os números da fome no Brasil

Em abril de 2022, apenas 41,3% dos domicílios brasileiros tinha seus moradores em Segurança Alimentar (AS), 58,1% viviam em algum nível de Insegurança Alimentar (IA) dos quais 15,5% conviviam com a fome; isso significa que 125,2 milhões convivem com alguma Insegurança Alimentar, dentre os quais mais de 33 milhões de pessoas enfrentam a fome em nosso País.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

A desigualdade de acesso aos alimentos se manifesta com maior força em domicílios rurais, 18,6% dos quais enfrentam a fome em seu cotidiano. Em termos geográficos, 25,7% das famílias em realidade de fome residem na região Norte e 21% no Nordeste. A fome está presente em 43% das famílias com renda de até ¼ do salário-mínimo, e atinge mais as famílias que têm como responsáveis mulheres e/ou pessoas de cor preta ou parda. Em 14,3% dos domicílios, havia pelo menos um morador/a procurando emprego, e em 8,2%, a pessoa responsável pela família estava desempregada.

A progressiva crise econômica, a pandemia e o desmonte das políticas públicas explicam o recrudescimento da insegurança alimentar e da fome entre o último trimestre de 2020 e o primeiro de 2022. Mesmo o Auxílio Brasil não mitigou a grave situação social, pois a fome ainda estava presente em 21,5% dos domicílios das famílias que receberam o benefício deste programa social, e a insegurança alimentar grave subiu para 15,5%.

Os resultados evidenciam um quadro preocupante de deterioração socioeconômica e profundas desigualdades, anterior à pandemia e agravado por ela, persistindo com desemprego elevado, precarização do trabalho, perda de direitos sociais e queda do poder aquisitivo, enquanto a COVID -19 ceifava vidas, chegando a mais de 680 mil mortes em agosto de 2022. Estes dados alertam para a natureza urgente e imprescindível de ações e políticas públicas efetivas que auxiliem os grupos mais vulnerabilizados e promovam a Segurança Alimentar e Nutricional.

“Os pobres são as primeiras vítimas da subnutrição e da fome no mundo. Ser pobre significa ser provado por inumeráveis perigos que ameaçam a sobrevivência e ter menor resistência às enfermidades físicas. Numa população pobre, as primeiras vítimas são sempre os indivíduos frágeis: crianças, mulheres grávidas ou em período de amamentação, enfermos e pessoas idosas. Outro grupo humano exposto à deficiência nutritiva são das pessoas refugiadas ou deslocadas e as vítimas de vicissitudes políticas.

### As causas da fome no Brasil

Os fatores climáticos, as guerras e os desastres naturais, por mais impactantes que sejam, não são as únicas causas da miséria e da fome. É necessário considerar o conjunto das suas causas:

Uma das primeiras causas da fome no Brasil é a sua estrutura fundiária, ou seja, como a terra foi historicamente e continua a ser distribuída no Brasil; terra como um tipo especial de bem econômico, um dom dado por Deus a toda a humanidade. Nos países de antiga ocupação, como os europeus, as terras rurais foram divididas em pequenas áreas para a produção familiar e o consumo local. Nos países de ocupação mais recente, com as lógicas econômicas voltadas para a grande produção e para a exportação, como é o caso do Brasil, o espaço rural foi dividido de maneira diferente e irregular, com o estabelecimento dos latifúndios. Essa distribuição da terra é excludente e causadora de enormes desigualdades socioeconômicas. Urge uma justa redistribuição da terra!

Também uma política agrícola perversa, que coloca o sistema produtivo a serviço do sistema econômico-financeiro, destinando enorme incentivo financeiro ao agronegócio exportador, que concentra a produção na forma de *commodities*, a serviço das paixões do mercado internacional, que define o que plantar e colher, conforme as exigências e valorizações do mercado internacional e não da alimentação e nutrição da população. Ao mesmo tempo, trata com descaso, burocratização e cortes significativos a agricultura familiar, que produz mais alimento. O agronegócio gera receitas e aquece o mercado externo e a exportação, no entanto, muitas vezes, não promove nem o abastecimento nem o desenvolvimento local. As pequenas propriedades permitem maior diversificação da produção agrícola para o consumo, além da movimentação econômica local. No Brasil, em geral, não se produz para comer, produz-se para lucrar e exportar, por isso o chamado “celeiro do mundo” é assolado pela fome, especialmente nas áreas rurais e suburbanas.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)*

## Resumo do Texto-Base

A conjuntura recente tem contribuído para um retrocesso significativo no combate à fome no País, que não pode ser creditado apenas aos impactos econômicos e sociais da pandemia. A crise econômica se alia a uma conjuntura difícil no mercado de trabalho, dada a precarização da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), promovida pela reforma trabalhista de 2017. O desemprego e o subemprego, ou trabalho informal, também são causas da fome no Brasil. É o trabalho assegurado e devidamente remunerado que possibilita ao ser humano comer com dignidade. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou o número de 14 milhões de desempregados no Brasil em 2022, podendo cair em 2023 para 13,6 milhões. É preciso não só matar a fome, mas emancipar o faminto e, para isso, o trabalho e o emprego dignos são fundamentais. A subutilização da força de trabalho (24% não conseguem trabalho) e o desemprego elevado (15% em 2021, atingindo 12 milhões de brasileiros) são situações que dialogam fortemente com a insegurança alimentar e a fome.

Quando a única lei passa a ser cálculo do lucro, deixa de haver freio na adoção da lógica da exploração das pessoas. Deixa de haver salário e horário de trabalho justos, e criam-se novas formas de escravidão (Papa Francisco. Mensagem para a 6ª Jornada Mundial dos Pobres – 2022).

Outra causa da fome é a perversidade da política salarial. Não é apenas o preço do alimento que é alto. É o salário que é demasiadamente baixo e desvalorizado. A fome deriva da pobreza. A segurança alimentar das pessoas depende essencialmente do seu poder de compra, e não da disponibilidade física de alimentos. A renda anual declarada pela parcela de 28 mil pessoas privilegiadas somou R\$ 371 bilhões em 2020, valor próximo ao rendimento obtido (R\$ 383 bilhões) por 89 milhões de pessoas, que representam os 40% mais pobres de toda a população brasileira. Transferência de renda é fundamental, mas não é o suficiente. É preciso valorizar o salário-mínimo, promover emprego, redistribuir a terra.

A fome é causada também por comportamentos morais lamentáveis: a busca egoísta de dinheiro, do poder e da imagem pública; a perda do sentido de serviço à comunidade; a corrupção. Alguns fatores socioculturais aumentam o perigo da fome e da subnutrição: os tabus alimentares, a posição social e familiar da mulher, a carência de formação nas técnicas da nutrição, o analfabetismo, os partos precoces e a precariedade do emprego.

Deve-se mencionar a preocupante extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) em 2019 e o desmonte de todo o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), especialmente do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), bem como o esvaziamento dos estoques reguladores da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

As raízes da fome estão, especialmente, na distribuição iníqua da renda e das riquezas, deixando na pobreza enormes contingentes populacionais. Essa concentração de renda e riqueza vem de longa data e segue uma lógica na qual o crescimento econômico do Brasil aumenta a riqueza dos ricos, sem estender seus benefícios a quem não tem poder no mercado. A desregulamentação e a flexibilização dos mercados vêm retirando do Estado sua função social e política, da justa intervenção na economia e redistribuição da renda. O mercado premia os fortes e pune os fracos, aumenta o desemprego e oferece remuneração baixa aos trabalhadores e aposentados.

### A geopolítica da fome no Brasil

A fome afeta mais os domicílios rurais, dos quais 18,6% a enfrentam cotidianamente. Em termos geográficos, 25,7% das famílias em insegurança alimentar grave residem na região Norte; 21% no Nordeste. A fome está presente em 43% das famílias com renda per capita de até 1/4 do salário-mínimo, e atinge mais as famílias que têm mulheres como responsáveis e/ou as que o chefe se denomina de cor preta ou parda. Está prioritariamente nas periferias do País, dos estados e das grandes cidades, em enormes bolsões de miséria e pobreza. No Sul e Sudeste, e nos centros urbanos, cresce o volume da riqueza de menos 10% da



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)*

## Resumo do Texto-Base

população que detêm cerca de 90% da riqueza nacional. Em Puebla, São João Paulo II já afirmava: “ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”.

A fome não tem sido uma prioridade dos projetos governamentais. A prioridade maior é o lucro. Sem teto, terra e trabalho digno, nenhum ser humano poderá viver com a dignidade de filhos e filhas de Deus respeitada e promovida. O Papa Francisco afirmou, no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, que o futuro da humanidade depende da capacidade de organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos “3T” (terra, teto, trabalho). Produzimos comida suficiente para todas as pessoas, mas muitas ficam sem o pão de cada dia; portanto, é um dever de todos extirpar esta injustiça por meio de ações concretas e boas práticas e de políticas locais e internacionais ousadas.

É condenável que seres humanos sejam deixados morrendo de fome por causa da indiferença egoísta, com desperdícios alimentares e inúteis refinamentos gastronômicos. A festa, de fato, é para louvar somente se for vivida na hospitalidade, na convivialidade, no amor compartilhado.

### Fome e sede

A escassez de água é outro grave problema atual. Falta água para as atividades essenciais da vida moderna, como a geração de energia e o saneamento básico. Como dom de Deus, a água é um direito de todos. A água não é um recurso ilimitado, razão pela qual seu uso racional e solidário exige a colaboração de todos.

O II VIGISAN identificou a coexistência da Insegurança Alimentar e da Insegurança Hídrica, indicando que 42% das famílias em situação de insegurança hídrica estão também sujeitas à fome. Em quase 65% dos domicílios onde falta água, também é restrita a quantidade de alimentos. A combinação de insegurança hídrica e fome é maior nas regiões Norte (48,3%), Sudeste (43,0%), Centro-Oeste (41,8%) e Nordeste (41,2%). O acesso aos alimentos, à água depende de condições socioeconômicas, políticas, geográficas e ambientais assentadas em políticas públicas que busquem garantir a realização desses direitos. Não é possível garantir segurança alimentar sem segurança hídrica, tanto por meio de políticas específicas de abastecimento, como de combate às mudanças climáticas, proteção aos recursos hídricos e de regulação de uso dos mananciais.

### Fome e crescimento demográfico

Excluindo os casos extremos, a densidade demográfica não justifica a fome. Por um lado, nos deltas e vales superpovoados da Ásia foram aplicadas as inovações agrícolas da chamada “revolução verde” e por outro, países pouco povoados como o Zaire ou a Zâmbia, embora pudessem alimentar uma população 20 vezes mais numerosa, continuam a enfrentar dificuldades alimentares. Os motivos dizem respeito aos desequilíbrios impostos pelos Estados, à política perversa, à má gestão econômica e aos interesses financeiros de explorar a natureza para mais enriquecimento.

Se é verdade que a desigual distribuição da população e dos recursos disponíveis cria obstáculos ao desenvolvimento e ao uso sustentável do ambiente, deve-se reconhecer que o crescimento demográfico é plenamente compatível com um desenvolvimento integral e solidário de modo que isto não seja usado como pretexto para escolhas políticas e econômicas pouco conformes à dignidade da Pessoa Humana.

### Fome e moradia

Atualmente, não existe no Brasil um censo nacional para conhecer quem são as pessoas em situação de rua. Uma estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) afirmava que, em março de 2020,





# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)*

## Resumo do Texto-Base

221.869 pessoas viviam em situação de rua no Brasil, com aumento de 140% em relação a setembro de 2012. Isso antes do agravamento da pandemia.

É visível o crescimento desenfreado das pessoas em situação de rua ou que moram em situações precárias nas médias ou grandes cidades. A questão da fome e a questão da moradia andam sempre juntas, mas em especial no crescimento da desigualdade social, acelerado pela pandemia. Os números apontados sobre Insegurança Alimentar, cujo aferimento é feito por domicílio, não contemplam as pessoas em situação de rua, quase invisíveis à sociedade brasileira. O País precisa urgentemente de políticas sociais integradas que possam atender a população mais fragilizada que, sem renda ou com a diminuição dela, luta para pagar moradia e alimentação.

O processo de globalização da indiferença e a cultura do descarte se reinventam com novas formas de gerar exclusão. Nos grandes centros urbanos, é comum o uso da “arquitetura hostil”, artifícios arquitetônicos que objetivam impedir permanência de pessoas pobres, em situação de rua, nos espaços públicos. O afastamento dos pobres, e a conseqüente impossibilidade de convivência com a sociedade, ajudam a esconder o drama da fome e justificar a omissão da comunidade e do poder público.

A aversão e desprezo aos pobres, aos famintos e vulneráveis recebeu o nome de aporofobia e manifesta o tratamento dado a todas as pessoas que são descartadas por sua condição de classe, seja nos centros urbanos ou na multidão que recorre à migração. O pobre é visto como concorrente, como alguém que ameaça o emprego, a segurança e a atenção do Estado.

### Consequências da fome

A fome ameaça não só a vida das pessoas, mas também a sua dignidade. Provoca a debilidade do organismo, a apatia, a perda do sentido social, a indiferença e, por vezes, a hostilidade em relação aos mais frágeis. Historicamente, a fome é um dos maiores destruidores da família, pois a desestabiliza e destrutura, pela migração forçada, pela violência doméstica, pela violência no campo e na cidade, e leva à perda do sentido da vida. É causa do êxodo rural.

Há diversas consequências no campo da saúde, física ou psíquica. Pessoas expostas a riscos sociais de insegurança alimentar, leve ou moderada, substituem a alimentação saudável por uma alimentação extremamente prejudicial à saúde, pois seus preços são menores. Com fome, o ser humano não pode se manter nem se defender dos ataques de parasitas ou das forças naturais.

Já conhecemos a associação de alimentos ultra processados a doenças crônicas como diabetes, doenças cardiovasculares, hipertensão, câncer e saúde mental, depressão e ansiedade. A alimentação com excesso de ultraprocessados ou rica em carboidratos e gorduras, e pobre em vitaminas e proteínas, causa desequilíbrio e desnutrição e aumenta o risco de desenvolver colesterol alto e diabetes ao longo do tempo.

Outro efeito da insegurança alimentar é a “carga dupla de má nutrição”, ou seja, a coexistência do excesso de ultraprocessados e da falta de nutrientes na alimentação. Assim, numa família em situação de insegurança alimentar pode haver indivíduos desnutridos e obesos ao mesmo tempo. O Brasil é campeão mundial em obesidade em crianças e mulheres em idade fértil.

As crianças são as principais vítimas da insegurança alimentar, que pode comprometer o crescimento e o desenvolvimento físico e cognitivo; a anemia, que é a ausência de ferro no organismo, pode comprometer o desenvolvimento de órgãos, tecidos e o funcionamento cerebral, afetando capacidades como a memória e a atenção, a leitura e a aprendizagem de linguagens como um todo. Esse déficit afeta capacidades de tomada de decisão e o desenvolvimento socioemocional do indivíduo. Crianças que sofrem de insegurança alimentar têm seu desenvolvimento e suas perspectivas de futuro prejudicadas, pois leva ao abandono dos estudos, menores perspectivas salariais ou baixa capacidade de manter um emprego fixo.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

O Relatório da UNESCO (2022) afirma que o direito à educação está intimamente conectado a outros direitos humanos. Os Estados devem garantir o acesso à água e ao saneamento, à alimentação e à nutrição saudáveis, à proteção social, a viver em um ambiente familiar e comunitário estável e saudável.

No caso dos adultos malnutridos, o problema é especialmente perigoso em idosos e gestantes, que correm maior risco de morte. Quanto mais avança a idade, pior se torna o quadro metabólico.

É preciso, também que os ambientes educativos sejam supridos com alimentos saudáveis, e que a própria educação contribua para uma vida saudável, para a partilha com os mais necessitados e para a sustentabilidade.

Temos uma crescente indústria de proteínas caríssimas, direcionada a um público que pode pagar absurdos por seus alimentos *fitness*, enquanto outras pessoas, não têm o que comer. Gastam-se somas incalculáveis para a satisfação de prazeres deprimentes, como o consumo de tóxicos e sua indústria.

Uma consequência pouco considerada é o aumento da criminalidade. Muitos que hoje estão privados de liberdade, no sistema carcerário, já foram privados, ontem, da participação no sistema produtivo e no sistema de consumo, vindos, em grande número, de realidades de fome e miséria, desemprego e toda sorte de provações.

Não existe no nosso País uma agência reguladora de alimentação, a qual nos ajudaria a não nos alimentarmos mal por desconhecermos o que de fato os alimentos trazem para dentro de nós.

## Fome e política

Herbert de Souza, o Betinho, que mobilizou a sociedade brasileira para o drama da fome na década de 1990, dizia que “a alma da fome é política”. Josué de Castro já denunciava a “conspiração do silêncio em torno da fome”: enquanto não se fala, parece que a fome não existe. O Papa Francisco afirmou: “A respeito de tais crises, que fazem morrer de inanição milhões de crianças, reina um inaceitável silêncio internacional”. Perante tal panorama, embora nos fascinem os inúmeros avanços, não vislumbramos um rumo verdadeiramente humano”.

Claro está que quanto menos renda, mais fome. E, com isso, há que se denunciar o fracasso e o desmonte das políticas de distribuição de renda no Brasil.

A gramática política brasileira se articula entre patrimonialismo, assistencialismo, clientelismo e uma grave crise das políticas públicas. O patrimonialismo - a confusão entre o público e o privado, a administração de um bem privado como algo próprio – estabelece que quem tem mais renda, come melhor. O assistencialismo é a exploração da fome como forma de garantir a presença na política, em detrimento de uma política que acabe com a fome. O clientelismo é a tradição do coronelismo que tem a fome como elemento necessário para a troca de votos. As políticas públicas vivem uma grave crise, seja pelo desmonte do Estado, seja pela dificuldade fiscal, seja pela absoluta falta de prioridade no combate à fome.

O poder legislativo tem grande responsabilidade nesse campo. Mudanças estruturais como as que o Brasil necessita para vencer a fome e a miséria, ou o desmonte das políticas públicas que combatem a miséria e a fome, passam necessariamente pelas nossas casas legislativas. Nosso papel, enquanto cidadãos responsáveis, é escolher, mais do que pessoas, verdadeiros projetos políticos para o País. Devemos estar atentos aos programas dos partidos, ou à sua ausência, e também aos projetos dos movimentos sociais.

No mundo todo e também no Brasil, numerosas situações subsistem, ou voltaram a impor-se, e podem provocar a miséria e a fome: revoluções sem êxito, deslocamentos de populações, desorganizações da agricultura, lutas tribais e genocídios. Trata-se do renascimento dos nacionalismos ideológicos, mas também das repercussões locais das lutas de influência que os países desenvolvidos alimentam entre si. Quando a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos, tratando-os como uma mercadoria



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)*

## Resumo do Texto-Base

qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome. A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável.

Não se trata de menosprezar as inúmeras ações emergenciais de pessoas, Igrejas, movimentos sociais e instituições, mas a responsabilidade maior por enfrentar e solucionar os problemas da miséria e da fome pertence ao poder público.

Por fim, é indispensável salientar que os poderes públicos mais próximos da população, ou seja, no nível municipal, têm uma tarefa particular na superação da fome. É urgente criar ou reativar seus COMSEAs (Conselhos Municipais de Segurança Alimentar) e fazer deles o instrumento primeiro de políticas públicas eficazes na superação da fome; e também ser valorizada a agricultura familiar.

### Fome e cuidado com a Casa Comum

A fome tem implicações ecológicas, pois ela destrói um projeto de Casa Comum. Discutir a fome é discutir o modelo econômico que alimenta ou não os habitantes da Casa Comum, em um projeto de fraternidade universal.

Hoje, a Igreja se faz eco do apelo que Deus dirige a Caim, quando lhe pede contas da vida do seu irmão Abel: “Que fizeste?”. Aplicar estas duras palavras à situação dos nossos contemporâneos que morrem de fome não é um exagero injusto ou agressivo. Este apelo diz respeito a todos, e alimentamos a esperança de conseguir uma melhoria decisiva, graças a relações humanas cada vez mais solidárias.

Nos países em vias de desenvolvimento, muitas vezes as populações que vivem de uma agricultura de subsistência, de muito fraco rendimento, passam fome no intervalo de duas colheitas. A carência compromete o futuro: comem-se as sementes, dilapidam-se os recursos naturais e aceleram-se a erosão, a degradação ou a desertificação dos solos.

Impossível falar sobre alimentação saudável sem considerar a questão dos agrotóxicos. Combater a fome é construir saúde humana e ambiental. O Brasil é campeão mundial de uso de defensivos agrícolas, é o principal destino de agrotóxicos barrados no exterior. Aqui usamos defensivos que foram proibidos em 1985 na União Europeia; aplicamos agrotóxicos por avião, perto de casas, hortas, animais, nascentes de rios e córregos.

Vilã da ecologia integral que zela por todos na casa comum é a cultura do descarte e do desperdício. É preciso assumir um consumo consciente do que realmente é necessário, sem descarte ou desperdício. Aquilo que descartamos ou desperdiçamos é, precisamente, o que falta à mesa dos famintos e miseráveis.

Nas experiências de solidariedade valorizar os povos originários, tradicionais e do campo e de seus saberes comunitários agroecológicos, os quais são inspiração para decisões de combate à fome e de resistência a estilos de produção alimentar contrários às dimensões da ecologia integral. Entre as práticas comunitárias de cuidado estão: guardiões e guardiãs de sementes nativas e/ou crioulas e os guardiões e guardiãs mirins; as casas, as feiras, as festas e as redes de sementes; as romarias da terra e das águas; as hortas comunitárias. Essas iniciativas são um sinal de resistência, educação e espiritualidade ecológicas que se opõem às ações de biopirataria que reduzem as sementes (o alimento) a mercadorias (sementes corporativas).

### Fome e educação

A educação cumpre um papel insubstituível desde a família até a universidade, passando por todas as nossas práticas cotidianas. É na família que somos educados na primeira alimentação, aprendendo hábitos de alimentação saudável. É na primeira infância que se forma o paladar e com ele os hábitos alimentares



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

saudáveis. Lá aprendemos a partilha, a fraternidade, a solidariedade, ou seja, a superar a cultura da indiferença. Na escola precisamos aprofundar e aperfeiçoar estes bons hábitos, ensinando as razões para eles. É preciso cuidar da educação alimentar e da alimentação saudável nas escolas e universidades.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é um dos exemplos de políticas públicas no combate à fome e à insegurança alimentar no Brasil. Desde 1955, o programa garante o direito à merenda escolar e condições nutricionais e de saúde para a cerca de 40 milhões de estudantes em todo o País. Há mais de uma década, 30% do valor destinado aos estados e municípios para a compra de gêneros alimentícios são diretamente adquiridos da agricultura familiar, assentamentos da reforma agrária e comunidades tradicionais, de produtos agroecológicos. Mesmo sendo a única opção de alimentação para milhares de famílias, o governo federal reduziu a verba para o PNAE. A não reposição inflacionária reduziu em 20% o orçamento do Programa Nacional entre os anos 2010 e 2020. Muitos brasileiros se dedicaram a pensar a relação da fome e o desenvolvimento escolar, implementar ações e programas de segurança alimentar e nutricional, como Josué de Castro, grande motivador da Campanha de Merenda Escolar (hoje PNAE) e pioneiro no combate à subnutrição infantil, e o educador Paulo Freire, que já dizia “de modo nenhum separar a luta para comer da educação”.

Nessa educação, para vencer a fome, é importante que todos sejam sensibilizados não só para o particular e o imediato, mas, também para o global e para o que acontece a longo prazo.

### O muito que se tem feito no combate à fome

Muitas são as Igrejas, os Movimentos Sociais, as ONGs e outras instituições empenhadas no combate à fome. Estabelecer entre estes diversos atores sociais sólidas parcerias é fundamental para visibilizar e valorizar as grandes redes de proteção alimentar que já existem e realizam um trabalho primoroso.

A *Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP)*, fundada em 23 de abril de 1833, em Paris, por 6 jovens universitários católicos, entre os quais o beato Antônio Frederico Ozanan, é uma organização civil de cristãos leigos e leigas dedicada ao serviço da caridade. Tem como objetivo aliviar o sofrimento das pessoas vulneráveis, refletindo e atuando sobre suas causas. Presente em 150 países, conta com cerca de 30 milhões de pessoas, cerca de 800 mil confrades (homens) e consócias (mulheres). No Brasil, a *SSVP* foi fundada em 1872 e hoje conta com cerca de 20 mil Conferências, 153 mil membros, que mantêm creches, escolas, projetos sociais, lares de idosos e um contato semanal com cerca de 74 mil famílias em situação de necessidade. Além de atuar em situações emergenciais, A *SSVP* procura encontrar formas de promoção e libertação das pessoas a quem ajuda.

A *Caritas Brasileira*, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Caritas Internacional. Sua origem está ação mobilizadora de Dom Hélder Camara, no combate à fome, à pobreza, à miséria e às injustiças. É um organismo da CNBB e possui uma rede com 187 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações. A ação da *Caritas Brasileira* no combate à fome acontece de inúmeras maneiras, mas destacamos três iniciativas: Campanhas Emergenciais voltadas para o socorro imediato de populações atingidas por tragédias; Implementação de projetos produtivos comunitários, apoiados por parceiros no Brasil e pela cooperação internacional, que financiam grupos comunitários na produção de alimentos da agricultura familiar, na geração de trabalho e renda, no fomento e apoio a casas de sementes de comunidades e povos tradicionais; Incidência política, atuando articulada com os grupos comunitários, as pastorais sociais, as organizações da sociedade civil, os movimentos populares, na luta pela construção e implementação de políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos de todas as pessoas.

Na década de 1970, as Comunidades Eclesiais de Base de São Paulo, em especial as mulheres, iniciaram uma ampla mobilização contra o alto custo de vida, com o nome de *Movimento do Custo de Vida (MCV)* ou *Movimento Contra a Carestia (MCC)*. Hoje, estas articulações ressurgem.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

A *Pastoral da Criança*, criada em 1983 pela médica Zilda Arns, ajudou a difundir a produção e o uso de um complemento alimentar de baixo custo, conhecido como multimistura, que junto com o soro caseiro e outras iniciativas colaboraram, em um momento de muita vulnerabilidade e pouco investimento, para salvar crianças da desnutrição, efeito perverso da fome. Atualmente o complemento alimentar deu lugar à promoção da alimentação nutricional saudável e à conscientização dos riscos dos alimentos ultraprocessados para as crianças.

Durante a pandemia, toneladas de alimento saudável, produzido pela agricultura familiar, foram distribuídas pelo projeto *Orgânico Solidário*, pelo *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*. Quantas refeições foram distribuídas pelas centenas de cozinhas solidárias? Quantas famílias foram resgatadas da fome pelas diversas iniciativas da “Ação da Cidadania, contra a Fome, a Miséria e pela Vida” e do “Movimento dos Trabalhadores Sem Teto” (MTST)! Quanta comida foi distribuída pela Conferência Nacional Popular por Direitos, Democracia, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional! Quanta merenda escolar foi garantida pelo Observatório da Alimentação Escolar! Quanto foi feito pelos Conselhos Estaduais de Segurança Alimentar e Nutricional! Quantos recursos foram captados pela Actionaid, pela Oxfam Brasil, pelo Programa Mundial de Alimentos, entre tantas outras iniciativas!

Sente-se, contudo, a ausência no cenário brasileiro dos *Bancos Éticos*, que conectam poupadores e investidores que querem transformar o mundo para melhor com empreendedores e empresas sustentáveis. Com a missão de usar as finanças para o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentáveis, financiam empresas que agregam valor cultural e beneficiam as pessoas e o meio ambiente. Construíram um histórico de investimento em organizações que trabalham beneficiando a natureza ou o meio ambiente, negócios sociais e setores culturais e de bem-estar social. O sucesso de tais organizações resultará numa economia sustentável que é melhor para as pessoas, o meio ambiente e a cultura.

A fome é combatida com política pública. É preciso reunir as diversas iniciativas que renderam grandes resultados para o Brasil e que sofreram um processo de desmonte. Iniciada em janeiro de 2003, a estratégia “Fome Zero” nasceu com o objetivo de erradicar a fome e reduzir a pobreza extrema, garantindo o acesso aos alimentos, o fortalecimento da agricultura familiar, acesso à água no semiárido e redistribuição e geração de renda.

A CNBB tem participação como *amicus curiae* (amiga da corte) na *Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADFP) 885*, que propõe uma série de medidas para mitigar o cenário de insegurança alimentar no País e é parceria de muitas outras iniciativas. O Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) tem financiado, desde o início da pandemia, em 2020, projetos de auxílio a situações de insegurança alimentar.

## A Economia Solidária

*Economia Solidária* é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, sem explorar ou levar vantagem, sem destruir o ambiente. Vem se apresentando como uma inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, redes de cooperação, empresas de autogestão, entre outras. Entende-se por *Economia Solidária* o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão.

A *Economia Solidária* tem a pretensão de diminuir a desigualdade na sociedade, enquanto economia colaborativa ao invés de competitiva. Só pode ser concretizada se houver plena igualdade entre todos que se unem para produzir, consumir, comerciar ou trocar. Seus diretores são votados diretamente e se a Cooperativa conseguir acumular recursos, a divisão do lucro é igual entre todos os participantes.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

A *Economia Solidária* tem crescido no mundo e também no Brasil. O projeto de lei PLC 137/2017, aprovado no Senado, criou a Política Nacional da Economia Solidária (PNES), que auxilia e regulamenta o desenvolvimento de empreendimentos no modelo de *Economia Solidária*. Há um projeto de lei em tramitação para exigir das cooperativas o pagamento dos direitos trabalhistas básicos para os cooperados, assim diminuiriam as cooperativas de fachada e aumentaria o desenvolvimento da economia solidária no Brasil.

### A Economia de Comunhão

Nascido no Brasil em 1991, durante uma visita de Chiara Lubich, o projeto *Economia de Comunhão* objetiva produzir riquezas em prol de quem se encontra em dificuldade e fomentar uma nova cultura em que a economia não esteja atrelada ao individualismo e ao crescimento das desigualdades. Originada no seio dos Focolares, fundado em 1943, a *Economia de Comunhão* reúne empresas que se comprometem a empregar o seu lucro em favor de três causas: o sustento daqueles que se encontram em necessidade, projetos de formação cultural e de incentivo ao empreendedorismo, e o incremento da própria empresa.

No Brasil, a Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom) reúne 177 empresas de 12 estados; no mundo todo, são mais de 800 empresas.

Buscam meios de exercer a gestão de forma mais participativa e de humanizar as práticas de mercado. Uma nova cultura fundamentada em um novo jeito de enxergar o outro torna-se a base de novas relações com os funcionários, os clientes, os fornecedores e os competidores.

### A Economia de Francisco e Clara

Em maio de 2019, o Papa Francisco convocou uma reunião com jovens economistas, empreendedores e ativistas – com até 35 anos – para tratar de uma nova economia, chamada de *Economia de Francisco*. A decisão de São Francisco de abraçar a pobreza tornou-se inspiradora da crítica aos modelos econômicos que, voltados predominantemente para o lucro, acabam por desprezar os seres humanos e gerar fome. A sua opção preferencial pelos pobres e sua fraternidade convergem no caminho de uma economia da partilha, da cooperação e da ecologia integral. A *Economia de Francisco* se transformou numa plataforma global de discussão e fomento de uma transição econômica e política.

O objetivo é envolver jovens que, além das diferentes crenças ou nacionalidade, estejam de acordo no sentido de repensar e de humanizar a economia, isto é, torná-la mais justa e sustentável, assegurando um novo protagonismo para os pobres.

No Brasil, a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC) reúne juventudes, movimentos populares, intelectuais, pastorais e diversas religiões, a fim de construir um pacto para “Realmar a Economia”, movida por três eixos: território, movimentos populares e educação. Centraliza esforços no fortalecimento de movimentos em torno de uma nova agenda econômica popular: o Fórum Brasileiro de Economia Solidária e a Rede Brasileira de Bancos Comunitários, que fomentam a inclusão social pela moeda solidária e crédito; a União Nacional das Organizações Cooperativas Solidárias (UNICOPAS), que fomenta uma arquitetura econômica que anuncia trabalho, cooperativismo popular e ecologia; a Articulação do Semiárido (ASA) e a Associação Nacional de Agroecologia (ANA), que refletem uma economia a partir dos biomas.

### Onde todos são irmãos não há lugar para a fome

O olhar sobre a realidade da fome em nosso País deve gerar uma inquietude do nosso coração: nosso Brasil, terra rica, bela e abundante, cheia de um povo bom e solidário, não se parece com o Reino desejado



## CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

### Resumo do Texto-Base

por Deus e apresentado por Jesus. Aqui, nem todos têm vida em plenitude! Mas, não podemos deixar de sonhar o sonho de Deus.

O papel da Igreja é profético. Cabe-nos defender os interesses de Deus, que são os interesses do pobre, do faminto. A solução depende de políticas públicas eficazes. Não basta a solidariedade.

### III – ILUMINAR com a luz da Palavra

*“Jesus, porém, lhes DISSE: ‘Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mt 14,16)*

“A Palavra divina ilumina a existência humana e leva as consciências a reverem em profundidade a própria vida” (VD, n. 99). Diante de questões tão dilacerantes como o quadro da fome, apenas a Palavra de Deus tem o poder transformador de iluminar tantas sombras e indicar caminhos de esperança.

É uma expressão de coragem deixar que o Evangelho nos interpele uma vez mais com o mandato tão claro e desafiador de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16). À medida que o texto bíblico ilumina o caminho que se abre quando tomamos consciência da nossa missão, ele também evidencia as sombras que existem em uma vivência distante do Evangelho. Colocar-se sob a luz da Palavra de Deus é, portanto, uma atitude profética da Igreja, que vê a realidade e professa a fé de que só a Palavra pode responder às indignações mais veementes, como fonte de esperança, cuja escuta faz brotar alternativas para soluções concretas.

#### “Sim, eu conheço seu sofrimento” (Ex 3,7)

Segundo a Escritura, a fome sempre foi um flagelo do povo, sentido com grande compaixão por Deus. O Antigo Testamento registra a identidade de um Deus que, a partir do Êxodo, se revela como o Deus que vê o sofrimento humano e age para sua libertação.

A perspectiva do Êxodo perpassa todo o Antigo Testamento, ditando as linhas gerais do relacionamento entre Deus e o povo. Deus que, no Êxodo, se revela libertador, também se revela como aquele que acolhe o flagelo da fome e alimenta. O Maná dado no deserto (cf. Ex 16), expressão que não se pode traduzir nem explicar, significa, em hebraico, a incerteza: “que é isto?”. É um alimento misterioso, assim como é Mistério quem o dá. O Maná não é apenas um preparo de ingredientes que sustenta para mais um dia no deserto, mas expressão da compaixão de Deus, que caminha junto do seu povo; é também prova para o povo que, diante da fartura, é chamado a não reter para si mais que o necessário. Em nosso tempo, é também Maná o mistério da fertilidade da nossa Casa Comum, que produz com generosidade mais do que o necessário ao nosso povo. A retenção egoísta por parte de poucos leva ao perecimento, não do alimento, mas daqueles que não o têm.

Privar o outro ou a comunidade do acesso ao alimento, bem como a escravidão, é um dos muitos flagelos que Deus rejeita ao tirar o povo do Egito. Portanto, assim como a rejeição à escravidão se torna compromisso da Aliança com Deus, também a partilha do alimento foi aos poucos se tornando sinal de pertença ao povo de Deus. Fartura dos alimentos é uma virtude distintiva da Terra Prometida, “terra onde corre leite e mel” (Ex 33,3). Antes de partir do Egito, Deus havia separado os que lhe eram tementes por uma prova essencialmente ligada à partilha de alimentos: a ceia pascal da noite de libertação.

Associada a isso está também a prática da hospitalidade. Como o povo hebreu experimentara a condição inóspita do Egito, a hospitalidade acabou se tornando uma grande virtude, que perpassou todo o



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

Antigo Testamento. O ritual de hospitalidade inclui a saudação, o lavar dos pés, a partilha de um banquete. Oferecer o alimento é, portanto, uma parte do ritual de acolhida que representa a responsabilidade pelo outro. Há que se notar que Abraão acolhe o próprio Deus em sua tenda com um banquete (cf. Gn 18) e é recompensado com a dádiva da descendência. A viúva de Sarepta (cf. 1Rs 17,8ss) gasta suas últimas provisões para acolher o profeta peregrino e é recompensada com a vida para si e para o filho. Também Jesus acolhe em sua aliança os seus discípulos por meio de uma Ceia; no entanto, Ele não espera recompensas para si, mas faz de seu Reino a própria recompensa. Oferecer alimento é um gesto de acolhimento que significa o estabelecimento de uma aliança de responsabilidade e proteção.

Os profetas, por sua vez, denunciam a falta de cuidado e responsabilidade por aqueles que não têm o pão; a denúncia dirige-se aos que não sabem transformar a fé professada em fé vivida. De nada adiantam os sacrifícios oferecidos ou os jejuns praticados se tais gestos não impelem à responsabilidade pelas necessidades humanas dos mais vulneráveis: a viúva, o órfão, o pobre. Palavras duras são ditas contra os que não se deixam indignar diante da fome (cf. Am 6,1-6; Ez 34) e textos de esperança proclamam a saciedade com o alimento abundante (cf. Is 55,1-3). Também os livros sapienciais manterão a coerência com o pensamento profético (cf. Sr 4,1-6; 34,25-27).

No Novo Testamento, a atuação de Jesus transparece a coerência com o Antigo Testamento em sua predileção pelos famintos. Na oração que ensina aos seus discípulos, o pedido do pão de cada dia é primordial (cf. Mt 6,9-13). Dar um pão ao filho é atitude carregada de responsabilidade (cf. Mt 7,8-11) e sinal de cura e da chegada do Reino de Deus àqueles que de alguma forma são necessitados (cf. Mc 7,24-30). O próprio Jesus se utiliza da imagem do pão para referir-se ao significado de sua própria pessoa e à salvação que oferece (cf. Jo 6).

A prática das comunidades cristãs tem como característica principal a comunhão na fração do pão (cf. At 2,42-46); tal comunhão não era apenas ritual, nas celebrações memoriais da Eucaristia, mas também material e cotidiana.

O ápice da relação estabelecida entre o pão e a dimensão salvífica está, sem dúvida, nos relatos eucarísticos. O mais antigo é o de 1Cor 11,17-34, e revela a preocupação de Paulo diante dos que insistem em celebrar a Eucaristia sem se comprometer com o amor mútuo ou com as necessidades objetivas de cada um.

De todas as memórias sobre Jesus referentes a todos os discursos sobre o alimento e a partilha, merece destaque a lembrança do episódio da alimentação de uma multidão. Contada e recontada pelos sinóticos e por João, a narrativa aparece seis vezes no Novo Testamento: Mc 6,30-44; Mc 8,1-9; Lc 9,10-17; Mt 14,13-21; Mt 15,32-39; Jo 6,5-15.

### Um caminho orientado por Mateus

Cada Evangelho, ao reconstruir a narrativa dos mesmos fatos sobre Jesus, atende a finalidades específicas das comunidades às quais se dirigia. O evangelho de Mateus, escrito na Síria em torno do ano 80 a.C., tem como fonte o Evangelho de Marcos e, a partir de outros testemunhos, expande o seu projeto. Enquanto Marcos se dirigia aos cristãos advindos do paganismo, ensinando como eles deveriam ser acolhidos, Mateus apresenta um objetivo mais conciliador. Ele une judeu-cristãos e gentio-cristãos em uma narrativa sobre Jesus que tem por objetivo demonstrar a amplitude do seu projeto e da sua salvação. Mateus nos mostra Jesus mais por seus ensinamentos do que por seus feitos; Ele é o Filho de Deus que tem autoridade para apresentar a correta interpretação da Lei de Moisés.

Os textos que narram o milagre dos pães, em cada Evangelho, dão ênfase a aspectos distintos da vida e do ensinamento de Jesus. A partir do Evangelho de Mateus, assim como os discípulos outrora fizeram,





## CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)*

### Resumo do Texto-Base

colocamo-nos atentos aos ensinamentos de Jesus, a fim de que nos tornemos, em cada Comunidade Eclesial, líderes a exemplo do Mestre.

O Evangelho de Mateus é grande aliado na expansão dos valores cristãos relacionados à misericórdia e à solidariedade pelas necessidades do outro, especialmente dos pobres. Na mensagem profética do Antigo Testamento, a noção de que o amor a Deus devia ser traduzido no amor ao órfão, à viúva e ao estrangeiro já era central para o Judaísmo; e a missão dos primeiros cristãos é a de inserir a mesma noção no mundo pagão. O valor da solidariedade será ampliado como compromisso de todas as pessoas, não só dos mais abastados cujas posses sobravam. A misericórdia e o amor cristãos impelem à partilha do muito e também à partilha do pouco que se tem.

Mateus insere duas narrativas sobre a alimentação de uma multidão: Mt 14,13-21 e Mt 15,32-39. A moldura do texto é de angústia: antes do episódio, Jesus ouve as notícias a respeito da morte de João Batista e deseja retirar-se (v. 13) e, ao fim do episódio, vai rezar sozinho, na montanha (v. 23). Entre esses dois momentos aparece a urgência do ministério de Jesus: diante da fome das pessoas, Ele não pode nem mesmo colocar a própria angústia em primeiro lugar. Jesus é o grande exemplo de despojamento: esvazia-se do próprio sofrimento para dar lugar, em seu coração, ao sofrimento do outro. Sua compaixão vai além do pão oferecido, que já havia se manifestado pela cura dos enfermos (v. 14), pela companhia da palavra (v. 16), pela ordem e paz que sua presença proporcionava (v. 19).

O alimento que Jesus oferece é, também, refeição de hospitalidade. As multidões se sentam na relva e comem com fartura, porque se sentem protegidas e encontram em Jesus o lugar onde podem depositar aquilo que trazem sobre os ombros: não bolsas, mas as preocupações e o peso da luta diária, que mais tarde o próprio Jesus carregará sobre os próprios ombros no pesado madeiro da cruz.

#### **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

O tema da fome de uma multidão não é ocasional em Mateus, mas uma pauta urgente em seu tempo. Os Evangelhos revelam um povo sobrecarregado de dívidas e fome, e isso se deve à condição de pobreza estrutural da Palestina, do primeiro século, causada por uma sede de desenvolvimento que não levou em consideração o empobrecimento de uma parcela da população. Os camponeses não aguentavam a alta carga tributária imposta pelo Império Romano, perdendo suas propriedades, migrando para as cidades, constituindo uma classe de pobres e mendicantes marginalizados do ponto de vista social e religioso.

À constatação da fome da multidão que os discípulos fazem, Jesus responde com uma ordem, um imperativo: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16). Embora a atenção tenha se desviado para o milagre, o centro do ensinamento do Evangelho está na ordem de Jesus. O discípulo não pode eximir-se da compaixão e da responsabilidade. A ordem de Jesus é um duplo convite que une interioridade e exterioridade. O discípulo precisa aprender que a compaixão o impele a agir, assim como a percepção da realidade por parte dos discípulos deverá levá-los a uma atitude.

Essa responsabilidade mútua é vivida por Jesus que, ao ver uma grande multidão, encheu-se de compaixão e curou os enfermos. A ação de Jesus é bem semelhante à ação libertadora na ocasião da saída do Egito. Deus vê a multidão dos seus filhos e sente compaixão pelas dores que eles sofrem. Enquanto no Evangelho de Marcos a compaixão de Jesus o levava a ensinar às multidões (cf. Mc 6,34ss), em Mateus sua compaixão o impele a ações práticas. Em ambas as narrativas, é o alimento dado pela Palavra que nos leva à preocupação com o pão para quem não o tem.

O chamado à responsabilidade evita que eles caiam na tentação de um dos pecados fundamentais, condenados pela Escritura desde o Gênesis. Trata-se de um grande exemplo da morte à qual é conduzido todo aquele que deseja esquivar-se de tal responsabilidade fraterna. Após a narrativa da desobediência de Adão e Eva, que convida a refletir sobre o relacionamento com o Deus Único e a evitar todo o tipo de



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

rompimento, temos a narrativa do fratricídio de Caim (cf. Gn 4). Para além do ato objetivo do fratricídio, o pecado de Caim consiste em fugir à sua responsabilidade sobre o irmão, expressa na resposta à interpelação divina: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). Assim, a mancha impressa pelo fratricídio que Caim pratica contra seu irmão começa bem antes de ele derramar seu sangue, remonta à insensibilidade por sua vida e à indiferença sobre seu bem. Em Mt 5,21-22 Jesus revela a responsabilidade das intenções antes mesmo da prática: todo aquele que tratar seu irmão com ira, será réu no julgamento.

À indiferença, portanto, Jesus contrapõe a responsabilidade fraterna, cujo modelo passa a ser sua própria ação. Ele não despede ninguém sem saciar sua fome ou sua sede, sem oferecer o alimento de sua Palavra. Ele deseja que aqueles que encontram conforto em seu pastoreio também vivam dignamente. A sensibilidade profética que age para suprir as necessidades do outro é o fundamento da ação ensinada por Jesus. Mas quem age com passividade diante da fome constatada une sua voz à de Caim.

### Um novo Moisés

Essa narrativa, como outras em Mateus, apresenta uma clara referência a textos do Antigo Testamento, dentro das intenções do Evangelho, que lido por um grupo de cristãos advindos do Judaísmo, precisava evidenciar o lugar de sua antiga fé na novidade cristã professada.

O texto de Mt 14,13-21 faz uma sutil referência à conhecida narrativa do deserto, em que o povo é alimentado pelo próprio Deus com o Maná. Por duas vezes, Mateus faz questão de ambientar o acontecimento em um lugar deserto (v. 13.15). Deserto é lugar de provações e de renúncias, lugar onde os desejos mais profundos se revelam. Deus levou seu povo ao deserto “para conhecer o que estava em seu coração” (Dt 8,2). É no despojamento de todas as seguranças, e na ansiedade pela própria sobrevivência, que também o coração se despe.

Como novo Moisés, Jesus se mostra à multidão como aquele que, nos desertos mais terríveis, pode prover o sustento mesmo diante da aparente impossibilidade. Nós, ao lermos o Evangelho, não nos colocamos no lugar de Jesus ou da multidão, mas dos discípulos: levados ao deserto com o Novo Moisés, também o nosso coração se tornará conhecido, ao fazermos a experiência do caminho fraterno. A Quaresma é ocasião para celebrarmos o deserto. Não para vivermos uma grande mortificação sem objetivos. O grande deserto da Quaresma pede de nós uma revisão crítica de vida, que se faz em uma dimensão individual, olhando para nós mesmos e para nosso relacionamento com o Senhor, também uma dimensão relacional, olhando para a forma como habitamos nosso mundo e nossa sociedade, a forma como nos sentimos responsáveis pelos nossos irmãos.

Jesus, o Novo Moisés, nos ensina que Deus continua a alimentar seus filhos e o faz não mais com o Maná que cai dos céus, mas por intermédio da responsabilidade fraterna daqueles que se fazem discípulos. À diferença de Moisés, Jesus não age sozinho. Ele convida os discípulos a participarem do que Ele realiza. No deserto, Jesus conhece os corações: Ele faz o discernimento entre aqueles que precisam ser alimentados e aqueles que podem alimentar os irmãos. A questão é: estamos dispostos a progredir nesse deserto, alcançando um primeiro estágio de percepção das necessidades do outro, mas também nos dispostos ao segundo estágio, que é assumir nossa responsabilidade sobre as necessidades do outro?

Se o caminho quaresmal é um sinal do caminho que trilhamos rumo à salvação plena, a Páscoa, é oportuno olhar o modo como Jesus é mostrado no Evangelho de Mateus. Como Novo Moisés, Ele dá novas e definitivas condições para a salvação. Nem todo o que invoca piedosamente entrará no Reino dos Céus (cf. Mt 7,21). Mas Ele reconstrói as condições recuperando a perspectiva ética do Antigo Testamento - “Tudo, pois, quanto quereis que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles” (Mt 7,12) – até sua formulação definitiva: “pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede e me destes de beber; (...) todas as vezes que fizestes isso a um destes mínimos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,35.40)



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: *“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)*

## Resumo do Texto-Base

### Um novo Eliseu

O texto de Mt 14,13-21 também nos remete a outra narrativa do Antigo Testamento. Eliseu, em 2Rs 4,42-44, também é desafiado a alimentar uma multidão com poucos pães. Mateus demonstra a continuidade e a ruptura de Jesus com relação ao Antigo Testamento. Jesus é maior que Eliseu: enquanto o profeta alimentara cem pessoas com vinte pães, Jesus saciara muito mais de cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes. Ele é o Profeta por excelência, aquele que alimenta com a Palavra, que sustenta o ser humano com uma confiança inabalável em Deus, que anuncia a salvação, mas que não aceita a injustiça e por isso trabalha em favor da dignidade humana.

A profecia do Antigo Testamento trazia como destinatários diletos da atividade profética aqueles que sofriam com as estruturas injustas – o estrangeiro, a viúva e o órfão. Jesus também o fez, especialmente quando essas estruturas se aliaram ao Templo, para oprimir as pessoas sob a máscara de uma observância religiosa vazia. Hoje é necessário reconhecer que os diletos da atividade cristã, especialmente no caso brasileiro, são os que formam a grande parcela da população que se encontra sob os diferentes níveis de insegurança alimentar, e assumir uma postura profética diante desse cenário atual.

### A Igreja que distribui a Eucaristia partilha, também, a compaixão

Muitos comentadores viram na narrativa de Mt 14,13-21 o protótipo de organização da comunidade cristã. Os discípulos de Jesus são formados para a confiança na graça de Deus, que alimenta uma multidão mesmo que os recursos à disposição sejam aparentemente insuficientes. Eles aprendem de Jesus a iniciativa e a liderança, a mediação entre Jesus e o povo. Por isso, são imagem dos pastores que, na Igreja primitiva e na Igreja contemporânea, distribuem o alimento que vem do céu sem perderem a consciência da responsabilidade social.

Muitos são os sinais literários que permitem identificar o texto de Mt 14,13-21 à Eucaristia. O marco cronológico do v. 15 – “Ao entardecer” – é o mesmo da última Ceia (cf. Mt 26,20). A fórmula: “Ele disse: Trazei-os aqui” (v. 18), aponta para a solenidade ritual das palavras de Jesus em sua Páscoa (cf. Mt 26,26). Os discípulos são encarregados de trazer a Jesus a pequena oferta que conseguem e de distribuir entre a multidão o pão que Jesus dá. A Eucaristia é o grande alimento que Jesus oferece à humanidade e a Igreja a reparte de maneira peregrina.

Somos convidados a compreender em que sentido o capítulo 14 é uma referência à Eucaristia: para além do milagre, está o ensinamento de Jesus. Assim como João associa a Eucaristia ao serviço aos irmãos – no gesto do lava-pés e no mandamento do amor no contexto da Ceia pascal – Mateus associa à Eucaristia a responsabilidade pela necessidade do outro. Só se pode construir comunhão se todos, diante do Senhor, coexistem como iguais, com necessidades que se equilibram por meio da ajuda mútua. É imprescindível recordar que a Igreja dos primeiros séculos colocava tudo em comum e, assim, vivia a comunhão não somente no ritual, mas na vida cotidiana (cf. At 2,42ss).

A narrativa de Mateus é construída a partir de símbolos, há 5 pães e 2 peixes, o que representa um total de 7 ofertas: o número da plenitude, da totalidade e da perfeição, que dá à partilha de Jesus uma conotação de nova criação, nova lógica de comunhão que regerá a comunidade dos discípulos. À multidão dos que são alimentados, no entanto, Mateus não impõe uma restrição numérica. São doze os cestos de sobras, as doze tribos de Israel reunidas aos doze discípulos da Nova Aliança. Os que comem são cinco mil, sem contar mulheres e crianças (v. 21). Poderiam bem se tornar vinte ou trinta mil se considerássemos as famílias completas. Considerando que a população judaica total da Palestina era estimada em meio milhão de pessoas, Jesus alimenta uma porcentagem considerável da população de uma só vez. Os relatos da alimentação da multidão ganham, assim, um caráter social. Além dos milagres relacionados à natureza ou dos milagres morais, devemos ver o milagre social. Jesus convoca à responsabilidade, à partilha, à solidariedade.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

### Eucaristia e responsabilidade social

Nos primeiros séculos da era cristã havia mais consciência a respeito das relações entre a Eucaristia e a responsabilidade social do que hoje temos. Os Atos dos Apóstolos dão testemunho desse compromisso. Hoje, a Igreja precisa lembrar às comunidades contemporâneas que a celebração da Eucaristia não nos faz uma comunidade de eleitos, premiados com uma realidade sublime, mas nos transforma em pessoas incumbidas da missão dada por Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer!”. O seguimento de Jesus não deve nos paralisar, mas nos preparar para voltar aos lugares de onde viemos, com o objetivo de transformar o nosso mundo em um lugar um pouco mais próximo da realidade sublime, ideal e perfeita que temos a esperança de habitar ao final da nossa peregrinação terrena.

Para São Jerônimo, “a glória do bispo é ajudar a necessidade dos pobres; e a ignorância de todo sacerdote é afanar-se por suas próprias riquezas”. O nosso tempo precisa redescobrir o brilho da solidariedade e a glória que habita o coração daqueles que se dedicam à compaixão como modo de imitar e viver segundo o próprio Cristo. Essa transformação não acontece se, da Eucaristia celebrada, desejamos apenas uma conversão individualista, sem deixar que a graça divina que nos alimenta transborde do nosso coração para a vida dos que estão à nossa volta. O desafio cristão é encontrar alternativas para realizar tal vocação não apenas em um aspecto individual, mas também comunitário e eclesial.

São João Crisóstomo, chamava atenção: “Muitos cristãos saem da igreja e contemplam fileiras de pobres que formam como muralhas em ambos os lados e passam longe, sem se comover, como se vissem colunas e não corpos humanos. Apertam o passo como se vissem estátuas sem alma em lugar de homens que respiram. E, depois de tamanha desumanidade, se atrevem a levantar as mãos ao céu e pedir a Deus misericórdia e perdão pelos seus pecados”. Também afirma: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Então não o desprezes nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem honres no templo com vestes de seda, enquanto o abandonas lá fora ao frio e à nudez. Aquele que disse: ‘Isto é o Meu Corpo’ (Mt 26,26), e o realizou ao dizê-lo, é o mesmo que disse: ‘Porque tive fome e não me destes de comer’ (cf. Mt 25,42). Que proveito resulta de a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se ele morre de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto, e depois adornarás o seu altar com o que sobrar.

A Eucaristia clama por uma nova ordem econômica e para a globalização da solidariedade. O pão da vida é também uma ordem para o pão da mesa. O Criador destinou os bens da criação para todos e a Eucaristia reforça esse destino universal dos bens.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, o Papa Bento XVI afirmou: “A mística do sacramento tem um carácter social, porque a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou hão de tornar seus. É necessário explicitar a relação entre mistério eucarístico e compromisso social: através do memorial do seu sacrifício, Ele reforça a comunhão entre os irmãos e, de modo particular, estimula os que estão em conflito a apressar sua reconciliação, abrindo-se ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça. Em virtude do mistério que celebramos, é preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem, pela qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, o Papa Francisco afirma: é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista. A defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada. Mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados, nas novas formas de escravatura e em todas as formas de descarte. Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo.



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

Pe. Pedro Arrupe, Prepósito-Geral dos jesuítas entre 1965-1983, afirmou no Congresso Eucarístico de Filadélfia, em 1976, que, se em alguma parte do mundo existe fome, nossa Celebração Eucarística está de alguma maneira incompleta. Na Eucaristia recebemos Cristo que tem fome no mundo. Não podemos receber plenamente o pão da vida, se não damos ao mesmo tempo pão para a vida daqueles que se encontram em necessidade onde quer que estejam.

A fraternidade cristã se alcança com profecia e compaixão. Não participa efetivamente da comunhão que a Eucaristia constrói aquele que não está disposto a assumir para si a compaixão com a qual Jesus se comprometeu ou a entrega de si que Ele realizou. Para celebrar e viver a Eucaristia, também nós somos chamados a viver este amor. Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade.

A Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição convidam-nos à contemplação do não dito, do não expresso, do indizível. Desafia-nos a contemplar, lançando-nos corajosamente à vivência do que é mistério, sem buscar o atalho humano da tentativa da explicação. Na narrativa de Mateus, no princípio há multidão faminta e os discípulos não sabem o que fazer. No fim, todos estão saciados e o alimento ainda sobra. O que há entre uma situação e outra? Há Jesus, que não obstante o mistério de sua pessoa e ação, ensina aos discípulos o que precisa ser feito. Quando olhamos para a situação da fome no Brasil e nos deparamos, também, com a fartura da produção e da exportação de alimentos e quando, pela fé, temos a certeza de que não nos faltam Jesus e sua graça, fica claro que só pode mesmo estar faltando o serviço do discípulo, o nosso serviço.

A fraternidade cristã só se torna realidade com profecia e compaixão – diante da fome, a profecia começa sendo compaixão para depois tornar-se algum tipo de ação concreta, individual, comunitária, eclesial e socioambiental.

## IV – AGIR para transformar a realidade da fome

*“E **MANDOU** que as multidões se sentassem na relva (...) **PARTIU** os pães e **DEU** aos discípulos, e os discípulos **DISTRIBUÍRAM** às multidões (Mt 14,19)*

A fome nos desafia e desinstala. É preciso agir! É a dimensão social da fé que exige de nós engajamento na busca de soluções eficazes para o drama da fome. A realidade da fome chega ao coração do Bom Pastor e Ele mobiliza os seus discípulos missionários para uma ação pontual que resolva aquele problema, não a partir da lógica do dinheiro ou da indiferença, mas a partir da lógica de Jesus e do seu Evangelho.

É esta a lógica que motiva a nossa Quaresma, que faz com que nos dediquemos ainda mais à frequente celebração da Eucaristia, à escuta atenta da Palavra e aos exercícios da oração, do jejum e da esmola. Todas estas experiências nos recordam que o pão não é meu, o pão é nosso! É nosso quando rezamos como Jesus nos ensinou e é nosso mesmo quando o renunciemos no jejum para partilhá-lo na esmola. O motor do nosso agir não é outro senão a mística do Seguimento de Jesus, no qual a solidariedade nasce da espiritualidade. O pedido que repetimos em cada Missa - “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” - obriga-nos a fazer tudo o que for possível, em colaboração com as instituições, para que cesse ou pelo menos diminua, no mundo, o escândalo da fome e da subnutrição.

A caridade não pode morrer em nós cristãos. Ela é o nosso distintivo. E o amor-caridade (ágape) nasce da experiência primeira de sermos amados radicalmente pelo próprio Deus. E transborda em nós,



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

quando somos capazes de amar sem esperar nada em troca: “Pois eu estava com fome, e me deste de comer”. O agir da CF 2023 se situa no horizonte das obras de misericórdia, pelas quais seremos julgados no último dia.

Na consciência da comunidade de fé, vão ficando cada vez mais claros dois níveis de ação, necessários e inseparáveis, no serviço da fraternidade: a ajuda fraterna ao irmão que sofre e o empenho na construção de estruturas sociais justas que permitam a todos os seres humanos viver com dignidade. Hoje, afirmamos que nossa ação deve contemplar três níveis: assistencial, promocional e sociopolítico. É preciso alimentar o faminto hoje, indagar a respeito das causas da fome, trabalhando pelas garantias de alimentação para o faminto e a sua família. O faminto precisa, sobretudo, recuperar a dignidade, a capacidade de ganhar o pão com o suor do seu rosto. Ações assistenciais são importantes, mas são necessárias políticas públicas, principalmente de Estado, e investimentos a partir da responsabilidade social das empresas. São necessárias ações que mudem a realidade social, trazendo para o centro a pessoa humana e a sua dignidade.

Em 1979, a Igreja no Brasil assim se manifestava, nos *Subsídios para uma Política Social: Estudos* já preparados pelo IBGE demonstram que a alimentação de 80% dos brasileiros se reduz a oito alimentos básicos. São necessárias medidas para garantir a estabilidade dos preços e defesa dos salários reais, e também nos setores de saúde, vestuário e habitação popular.

Quando estive no Brasil (1980), o Papa São João Paulo II, exclamou: “Fome de Deus, sim; fome de pão, não.” E deve ecoar sua pergunta no início deste milênio: “Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, condenado ao analfabetismo, privado dos cuidados médicos, não tenha uma casa onde se abrigar?”

A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas. Devem-se elaborar ações concretas que tenham incidência nos Estados para a aprovação de políticas sociais e econômicas que atendam às várias necessidades da população e que conduzam para um desenvolvimento sustentável.

Não dá para correr o risco de ouvir do Senhor: “pois eu estava com fome, e não me destes de comer” (Mt 25,42). O Concílio Vaticano II insiste com todos, indivíduos ou autoridades, que sejam lembrados da sentença dos padres: “Alimenta quem está morrendo de fome, porque se não o nutriste o mataste.” (GS, n. 69).

Por isso, cada pessoa, grupo, comunidade e instituição é convocada a discernir a respeito do que pode fazer diante do flagelo da fome. São aqui apresentadas algumas sugestões.

### **Propostas de AÇÃO PESSOAL: o que posso fazer?**

- Partilhar do muito ou do pouco que se tem com aqueles que mais necessitam;
- Praticar a partilha na família, na escola, no trabalho;
- Jejuar em atitude solidária;
- Converter o resultado do seu jejum e da sua penitência quaresmal também em alimento para quem precisa;
- Questionar o próprio estilo de vida e de alimentação;
- Ser solidário(a) com os que passam fome aguda;
- Colaborar nas campanhas de arrecadação de alimentos;
- Abolir o desperdício de alimentos;
- Realizar uma doação significativa para a Coleta Nacional da Solidariedade;
- Participar dos Conselhos de Direitos;
- Praticar o voluntariado;



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

- Envolver-se nos trabalhos e nas ações que já existem na comunidade;
- Preparar uma refeição saudável e nutritiva no domingo de Páscoa e convidar uma família carente;
- Participar mais ativamente das discussões sociais políticas públicas;
- Envolver-se na política com espírito cristão;
- Tomar maior conhecimento e envolver-se nas iniciativas públicas de combate à fome e à pobreza em seu município;
- Apoiar e participar de alguma pastoral social em sua paróquia.

### **Propostas de AÇÃO COMUNITÁRIO-ECLÉSIAL: o que nós – Comunidade-Igreja – podemos fazer?**

- Coleta Nacional da Solidariedade, realizada no Domingo de Ramos (60% permanecem na Diocese, no Fundo Diocesano de Solidariedade, e 40% são enviados à CNBB, para o Fundo Nacional de Solidariedade)
- Fazer um levantamento das pessoas e famílias que passam fome ou outra necessidade, questionando o que as levou a essa situação e iluminando essa realidade com a Palavra de Deus;
- Realizar murais, com notícias atuais, a respeito da situação da fome na comunidade;
- Articular os Meios de Comunicação e as mídias digitais para divulgar ações inspiradoras na superação da miséria e da fome;
- Promover rodas de conversa com pessoas que já experimentaram o flagelo da fome e seminários de partilha já está sendo feito a fim de inspirar novas ações;
- Acolher, valorizar e incrementar a prática das hortas comunitárias e outras iniciativas em favor de uma alimentação saudável e compartilhada;
- Conectar as comunidades eclesiais, às experiências de enfrentamento à fome desenvolvidas pelos Movimentos Populares;
- Desenvolver ações de geração de renda e trabalho cooperado, como pequenas feiras.
- Promover, através de investimento financeiro e pessoal, o Serviço da Caridade e as Pastorais Sociais que atuam na superação da desigualdade social e da fome;
- Avaliar os serviços caritativos;
- Realizar encontros de agentes das mais diversas pastorais sobre a relação Eucaristia e fome;
- Envolver-se em iniciativas ecumênicas e interreligiosas de mobilização da sociedade para a superação da miséria e da fome;
- Conhecer e dialogar com experiências que estão sendo feitas nas mais diversas instituições;
- Motivar os fiéis à participação nos conselhos de direitos;
- Incentivar o voluntariado;
- Levar pessoas e grupos religiosos para realizar ações concretas em áreas de exclusão;
- Divulgar as boas experiências na promoção do bem viver;
- Fazer eco às vozes que se levantam contra a fome;
- Promover as “sextas-feiras da fraternidade”;
- Valorizar com planejamento e execução a Jornada Mundial dos Pobres;
- Educar para a solidariedade permanente;
- Investir e apoiar as Casas de Francisco e Clara que a partir da Economia de Francisco e Clara;
- Criar escolar ou grupos de Fé e Política ou de Fé e Cidadania, fundamentados na Doutrina Social da Igreja;
- Cuidar para que as festas das comunidades promoção de uma alimentação saudável e nutritiva;



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: **Fraternidade e Fome**

Lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)**

## Resumo do Texto-Base

- Examinar se os programas culinários das nossas TVs de inspiração católica estão a serviço da verdadeira nutrição ou se servem ao mercado;
- Propor às TVs de inspiração católica a realização de programas culinários voltados para receitas que permitam aos mais pobres alimentar-se de modo simples e saudável;
- Realizar ao menos uma Semana Social por ano em cada Diocese;
- Promover sistematicamente, nos diversos níveis da vida eclesial, formações sobre a Doutrina Social da Igreja, a fim de que seja compreendida, assimilada e vivida a dimensão social do Evangelho e a Doutrina Social da Igreja seja, de fato, assumida como uma autêntica prioridade pastoral para os nossos tempos;
- Manter abertas as portas de nossas igrejas para o acolhimento imediato e também para o cuidado sistemático dos pobres e necessitados.

### **Propostas de AÇÃO SOCIOPOLÍTICA: o que nós – sociedade cidadã – podemos fazer e cobrar daqueles que elegemos para nos governar mediante cargos públicos?**

#### **a) Sociedade Civil:**

- Despertar as pessoas através de capacitação, a fim de estancar a continuidade da miséria e da fome;
- Propor o tema da fome nas associações de bairro, sindicatos, partidos políticos, câmaras municipais, estaduais e federal;
- Ouvir os pobres e famintos;
- Promover o voluntariado no campo da assistência social;
- Realizar pesquisas que levem à produção e comercialização de alimentos saudáveis, mais baratos e abundantes;
- Fiscalizar a aplicação do orçamento público;
- Realizar, a partir do CRAS – Centros de Referência da Assistência Social – ações de solidariedade em áreas de grande carência;
- Organizar grupos de orientação e educação alimentar, economia doméstica, horta em casa etc.
- Promover audiências públicas que discutam a situação da fome, suas causas, consequências e, sobretudo, as soluções;
- Desenvolver atividades interdisciplinares nas escolas sobre tema da fome;
- Organizar hortas comunitárias;
- Cuidar nas festas populares e das escolas para que haja comida saudável e nutritiva.

#### **b) Governo Municipal:**

- Implementar políticas públicas municipais eficazes para erradicação da fome;
- Incentivar a produção diversificada de alimentos na agricultura familiar;
- Investir na alimentação escolar;
- Valorizar a compra de alimentos da agricultura familiar para merenda escolar;
- Promover o abastecimento popular;
- Ampliar os mercados populares de alimentos e as feiras livres populares;
- Combater os lixões ilegais;
- Estimular o pequeno produtor e o pequeno comércio.

#### **c) Governo Estadual:**

- Implementar políticas públicas estaduais, eficazes, para erradicação da fome;
- Investir na alimentação escolar;





# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e Fome

Lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

## Resumo do Texto-Base

- Incentivar a produção diversificada de alimentos na agricultura familiar;
- Promover o abastecimento popular;
- Estimular o pequeno produtor e o pequeno comércio.

### **d) Governo Federal:**

- Priorizar a vida de todos os cidadãos aos interesses econômicos e às dívidas públicas;
- Implementar políticas públicas de Estado, para erradicação da fome;
- Investir no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)
- Retomar os programas de aquisição de alimentos e os estoques públicos reguladores e estratégicos;
- Criar uma agência nacional que regule a alimentação, garantindo uma alimentação saudável ao povo brasileiro;
- Garantir uma política de preços para a cesta básica;
- Incentivar a produção diversificada de alimentos na agricultura familiar;
- Estimular o pequeno produtor e o pequeno comércio;
- Realizar uma justa reforma do sistema tributário nacional;
- Corrigir o valor per capita repassado pelo Fundo Nacional de Educação (FNDE) para os municípios;

O Encontro Nacional Contra a Fome, realizado de 20 a 23 de junho de 2022, no Rio de Janeiro, aprovou 10 medidas prioritárias para vencer a fome, as quais podem inspirar nosso agir.

Os esforços do Papa Francisco por uma Igreja sinodal provocam um movimento por uma sinodalidade econômica, envolvendo-se na construção de um mundo que tenha pão para quem tem fome e fome de justiça pra quem tem pão.

## CONCLUSÃO

“Todos comeram e **FIGURAM SACIADOS**, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios” (Mt 14,20)

Todos os batizados e batizadas – animadores fundamentais da CF, devem unir-se neste serviço à comunhão da Igreja no Brasil. Todos nós, caminhando juntos, motivaremos nossas comunidades a assumir suas responsabilidades ante a situação de fome que persiste no nosso Brasil.

É importante encontrar e criar oportunidades para propor a reflexão da CF 2023 nas celebrações comunitárias. A CF é em si mesma um instrumento de comunhão eclesial, de formação das consciências e do comportamento cristão e edificação de uma verdadeira fraternidade cristã, e ela quer dizer especialmente neste ano: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

Trata-se de uma Campanha, ou seja, de um conjunto de reflexões e ações que deve envolver o todo da Igreja, transbordando para o todo da sociedade.

Que Maria, a qual declarou no seu Magnificat que Deus “encheu de bens os famintos” (Lc 1,53) interceda por nós, para que sejamos instrumentos de Deus a realizar esta obra de sua misericórdia.

Elaborado por: *Pe. Marcio Coelho* (São Carlos – SP)